

ANNO VIII
NUMERO 173



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



14^{bis}, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	113:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

BECHSTEIN

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE
 PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ
 LONDON W. — 10, WIGMORE STREET

OSCAR BRANDSTETTER
 LEIPZIG
 —
 Grandes officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
 Typographia, Lithographia
 Autographia
 Composição mechanica
 Machinas rotativas
 Instalações especiaes
 para grandes
 tiragens

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja dificuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
 de F. Lopes
 108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

Lambertini

REPRESENTANTE
 E
 Unico depositario dos celebres pianos
 DE
BECHSTEIN

43—P. dos Restauradores—49

A ARTE MUSICAL

Revista publicada quinzenalmente

Praça dos Restauradores
43 A 49

Redacção e administração

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial — G. da Gloria, 5 José Nicolau Pombo

SUMMARIO : — Frard — A Musica italiana — Oscar da Silva — Theatro de S. Carlos — Notas vagas — Concertos — Noticiario — Necrologia.

ERARD

De ha muito que nutrimos o desejo de fazer, n'estas columnas, um estudo circumstanciado sobre o Piano. Sobram-nos para isso os elementos de trabalho e a boa vontade; para sermos todavia inteiramente verdadeiros, precisamos confessar que nos tem escasseiado um tanto a coragem e tambem o tempo.

Como se pode supôr, é vastissimo o material de estudo com que contamos e é d'ahi mesmo que vem o obice principal, na difficuldade de concretisar em poucas paginas materia tão larga e tão complexa.

Parece-nos comtudo que, enquanto esperamos occasião azada para um trabalho de mais folego, não vem descabida uma ligeira monographia sobre os Erard, essa familia de industriaes de genio, a quem o Piano de hoje deve os mais assignalados melhoramentos e os mais

importantes segredos do seu incontestavel e incontestado exito.

E fica dada de caminho a replica a quem extranhe que n'estas paginas se ponham de lado certos interesses materiaes, que é uso acatar acima de tudo e se prefira servir a verdade historica com inteiro desempenho e independencia.

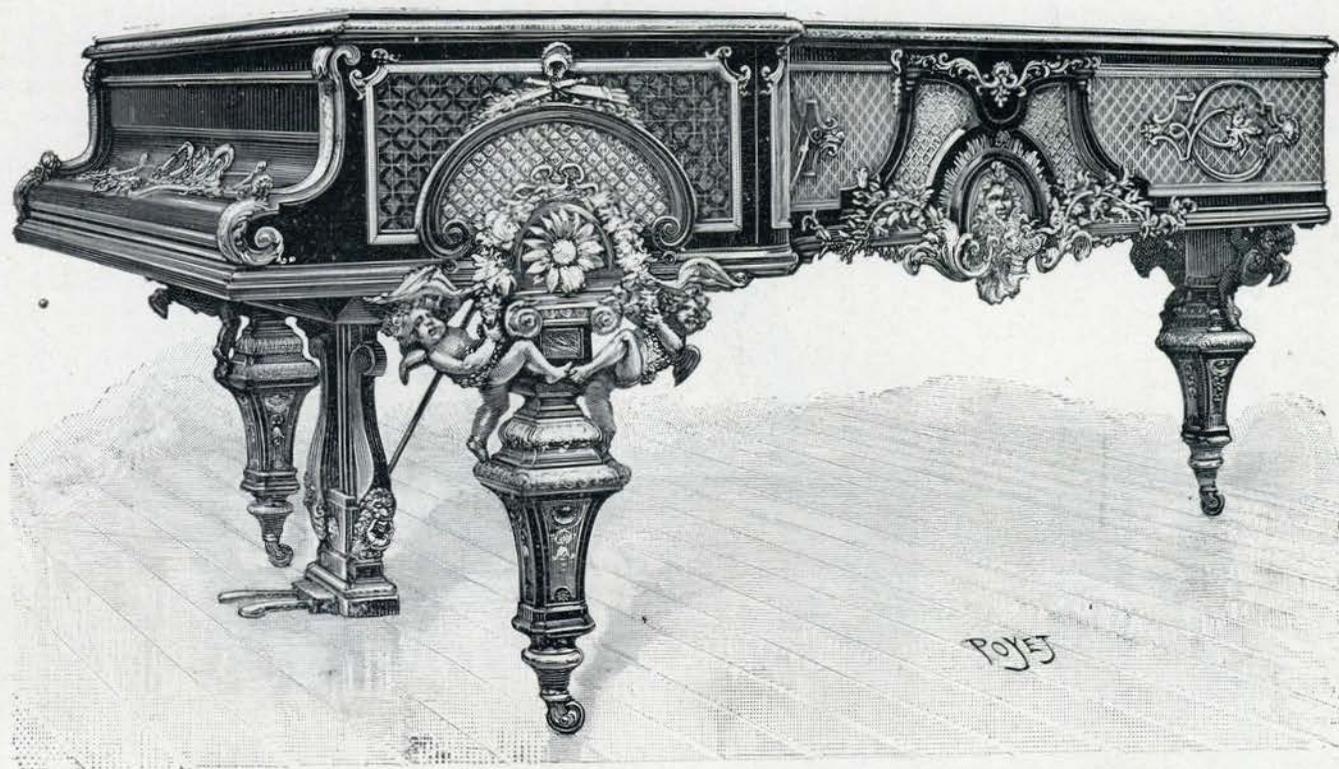
O nome de Erard é para nós, e crêmos que para toda a gente, o distico mais fulgurante de toda a industria do Piano, e isto não só pela importancia que actualmente disfructa, mas tambem e principalmente pelo incessante labor de cinco quartéis de seculo, votados por completo ao progresso de uma arte relativamente nova e a cada



Sebastião Erard, fundêdor da casa

momento entravada por difficuldades de toda a especie.

E' por isso que, n'este estudo preparatorio, não hesitamos em outhorgar o primeiro lugar á notavel fabrica franceza.



PIANO ERARD DE ESTYLO LUIZ XIV
(Exposição de Paris 1889)

Os primeiros pianos de cauda, em forma de cravo, parece que foram construídos na Allemanha por Schroter e Silbermann e julga-se que também fosse na Allemanha que Frédérici fabricou o primeiro piano de mesa (1753).

A factura do instrumento desenvolveu-se em seguida com Stein, d'Ausburgo.

Mais tarde Hildebrand, de Berlim, começou a fabricar pianos de mesa com os martellos por cima das cordas, systema baseado no de Marius, mas melhorado pelo fabricante viennense Strecher.

Não são muito conhecidos esses primor-

culo XVIII os pianos allemães gosavam do favor geral e os nomes de Spaelt, de Stein, de Strecher eclipsavam por completo os dos melhores fabricantes da França, da Inglaterra e da Italia.

Esses pianos, apesar de constituírem um progresso real sobre os antigos cravos, eram pouco obedientes no mecanismo, pesados de teclado e tão pouco proprios para a interpretação das obras dos mestres, que por muito tempo se não puderam considerar senão como instrumentos de acompanhamento.

Era mister a intervenção de um talento excepcional para dar ao Piano a solidez, o *toucher* facil e obediente, a puresa e poder de sonoridade que os concertistas reclamavam e realisar n'um instrumento de concerto a indiscutivel perfeição do Piano da actualidade.

Esse privilegiado talento personificou-o Sebastião Erard.

Nasceu o famoso industrial, cujo retrato orna a primeira pagina d'este numero, em Strasburgo, em 5 de abril de 1752.

O pae, que era marceneiro, impressionado pela predilecção que via no pequeno Sebastião para o manejo dos utensilios do seu mister e pela sua precoce habilidade em trabalhar a madeira, teve o bom senso de lhe ministrar uma excellente educação professional, desenvolvendo-lhe assim promptamente as naturaes tendencias.

Mandou-o muito cedo para as escolas de Strasburgo, onde o fez estudar architectura, desenho linear e geometria pratica, conhecimentos que lhe foram em extremo uteis. Alem d'isso, trabalhando nas officinas do pae, adquiriu desde muito novo *a mão*, segundo diz Fetis, isto é, a habilidade no manejar das ferramentas, o que lhe permittiu mais tarde dirigir e formar habéis operarios.

Foi em 1768, por morte do pae, que Sebastião Erard, tendo apenas 16 annos, se decidiu a ir para Paris tentar fortuna.

Entrou primeiro, como simples operario, n'uma fabrica de cravos, onde o seu desejo de tudo conhecer e comprehender lhe creou logo embaraços com o pa-



Harpa Erard de estylo Luiz XV

dios da industria do Piano, mas o que se sabe de fonte certa é que nos fins do se-

trão, não tardando a ser despedido.

O seu segundo mestre soube apreciar me-

lhor as qualidades do joven Erard, confiando-lhe mesmo, a breve trecho, a completa construcção de um Piano.

Um cravo mecanico, obra prima de invenção e de factura, que pouco depois construiu com destino ao gabinete de curiosidades do duque de la Blancherie, foi objecto de uma promenorizada descripção no *Journal de Paris* e fez a maior sensação entre os artistas e amadores da capital franceza.

O certo é que Sebastião Erard contava apenas vinte annos e já tinha a sua reputação feita.

Apresentado á duqueza de Villeroy, que amava apaixonadamente as artes, não lhe foi difficil attrahir a protecção d'essa riquissima titular, que lhe deu generosa hospitalidade e lhe facultou, no proprio palacio de Villeroy accomodações para montar uma officina propria.

Foi ahí que se fabricou o primeiro piano com a marca de Erard. Dentro em pouco a voga dos seus instrumentos era enorme e não só tinham entrado em todas as casas fidalgas da França, mas já se espalhavam pela Europa inteira, como puras maravilhas d'arte.

Em 1780 o fundador da celebre fabrica franceza chamou a Paris seu irmão, João Baptista Erard, iniciando-o nos seus trabalhos e confiando-lhe a direcção da sua officina, para se entregar livremente aos seus ensaios e invenções.

Pouco depois, achando-se pouco á larga no palacio de Villeroy, fundaram os dois irmãos a casa da rua Bourbon, que mais tarde se transferiu para a rua do Mail, onde ainda hoje se conserva.

A reputação dos Erard e a sua consequente prosperidade não podiam deixar de crear-lhes inimigos e invejosos.

Sob o pretexto de que não estavam filiaes na confraria dos fabricantes de leques, a que andava annexa a classe dos constructores de instrumentos musicos (!), fizeram-lhes um arresto nas officinas e impediram-os de dar seguimento á exploração da sua industria. Mas a fama dos notaveis fabricantes tinha chegado até aos ouvidos do rei (!), que não sómente não consentiu em tal injustiça mas os isentou de todo e qualquer compromisso para com as corporações de officios, com um alvará honrosissimo, cujo original se conserva preciosamente nos archivos da casa Erard.

(1) Luiz XVI.

(Continúa).

A MUSICA ITALIANA

(CONTINUAÇÃO)

JÁ se fizeram porem alguns esforços na Italia para abrir as portas demasiado perras da Tradição ao sopro ingente da Inovação, tal como os outros povos a realizaram ha quasi um seculo. Um d'esses esforços fel'o Verdi com o seu *Otello* e com o seu *Falstaff*.

O *Otello* tem scenas de tão grande e tão nobre potencia, de tão profunda penetração do espirito heroico que domina e mata as creaturas tragicas de Shakspeare, que a obra escripta por um velho surge nos horisontes italianos, como se fôra uma radiante promessa de primavera proxima. No *Otello* ha sem duvida numerosas e lastimaveis facilidades melodicis, que atraçoam o decorador do *Rigoletto* e da *Aida*; mas as mais bellas e fortes qualidades do mestre que escreveu o quarteto do *Rigoletto* e a *Aida* revelam-se, n'um optimo caminho evolutivo, em todo o quarto acto, em que uma bella atmospherica musical, sombria e terrivel, revela, exprime, envolve, continúa e alarga indefinidamente a catastrophe do heroe mouro.

Estas qualidades d'atmosphera do ultimo acto fazem esquecer a insupportavel banalidade de numeros como a aria, demasiado celebre, do protagonista:—*Addio, sante memorie...*

E todas as bellas esparsas no drama, taes como o brinde mephistophelico do Yago e o seu Credo, marcam o ultimo arranco do grande mestre, que resumindo toda a musica italiana de meio seculo, em que mil responsabilidades lhe couberam, viveu por tão longo tempo extranho á marcha soberba, orgulhosa e fatal de toda a Musica.

O melodrama verdiano, como o de quasi todos os italianos, conserva com ligeiras modificações as formas rotineiras da opera:—o recitativo e a aria, os compassinhos de enchimento ou as vazias figuras orchestraes preparando a attenção do publico para uma melodia ou para um ritornello, que vae ser repetido pelos instrumentos ou pelo cantor.

A orchestra, em Verdi e nos outros, conserva ainda quasi sempre aquelle caracter de machina acompanhante, que sugeriu a Wagner a imagem um tanto grotesca de uma *monstruosa viola*. Nos nossos dias, isto é feio e insupportavel; dá-nos ideia de uma miseria desconcertante.

No entanto, desde a forma juvenil da opera, tal como Verdi a herdou, até ás ultimas obras do mestre, se a evolução logica da musica não é seguida em toda a sua plenitude, ha comtudo signaes evidentes de

progresso, que é interessante constatar n'este rapido estudo e que teem importancia para as conclusões que pretendemos tirar.

Um outro mestre, compositor e poeta de grande talento, Arrigo Boito, foi um dos primeiros que sentiu o extraordinario poder vital que a musica tinha adquirido fora do seu paiz. E' certo que se esforçou por traduzir n'uma ampla visão dramatico-musical o drama nobre e logico que Ricardo Wagner tinha sonhado e realizado. Boito não concebeu, conforme o exemplo wagneriano, o drama heroico da sua raça — não comprehendeu o papel de exaltação social que deve representar a musica, quando é renovada, perante a humanidade, por um genio, que seja a um tempo musico, poeta e philosopho.

Teve porém a extrema vantagem de não escolher o seu drama, com o intuito de lisongear o gosto publico e na mira de um exito immediato. Pelo contrario. Contando apenas 25 annos, elevou d'um só impulso a concepção dramatico-musical até ás culminancias mais puras da obra d'arte, creada por artista, proseguida por artista, e realizada por artista.

Resumiu em uma architectura ligeira, sem deixar de sêr profunda, e em bellos promenores de estylo, toda a tragedia goethiana do Fausto.

Assim o seu *Mephistopheles* não é nem uma vagabundagem artistica nem uma reconstituição historica. Teve o cuidado de afastar-se de profanações, como a de Gounod. Rompeu tambem com muitas das convenções da antiga opera. A sua musica é grandiosa e de alta inspiração melodica. A orchestra esforça-se por *completar* o drama, com a significação *que tinha o côro na tragedia grega*.

Não deu á sua orchestra o alcance philosophico da polyphonia wagneriana, com a fatal *unidade na arte*, conseguida pelo encanastramento dos *leit-motiven*; mas attingiu os limites do tragico, até onde podia fazer o um espirito innatamente melodico, ainda que revoltado.

O *Mephistopheles* foi uma tragedia musical de belleza e de revolta e a sua apparição foi saudada, como era natural, com . . . assobios.

Mais tarde enthusiasinou o paiz todo e transpoz a fronteira triumphalmente, mas não foi seguida nem como exemplo nem como tendencia.

O proprio Boito, apoz esta pasmosa obra de juventude, nada mais produziu em musica. Limitou-se a prometter sempre á sua patria, já um pouco cançada de o esperar, uma nova tragedia musical, *Nero*, cujo poema, demasiado romantico, publicou vae em 4 annos.

(Continúa).

Oscar da Silva

A titulo de curiosidade, que nos parece interessante, damos hoje tambem a nota das peças que este illustre pianista tem executado em terras portuguezas, desde que pela primeira vez se apresentou em publico no theatro Gil Vicente (Porto), contando apenas 10 annos de idade.

Vianna da Motta e Oscar da Silva são os dois concertistas que mais larga propaganda artistica teem feito no paiz, apresentando-se numerosas vezes não só nas principaes cidades do reino, mas mesmo em localidades de segunda ordem, onde poucos ha que tenham a coragem de levar desinteressadamente a boa palavra.

De Vianna da Motta já nos occupamos no penultimo numero.

Oscar da Silva realisou concertos em: Lisboa (11 concertos), Porto (5), Braga (3). Vianna, Guimarães, Leça e Mattosinhos (3), Coimbra, Vizeu, Figueira, Alcobaca, Covilhã (2), Santarem, Setubal, Evora (2), Montemor, Cuba, Beja, Faro (2), Olhão e Tavira.

As obras executadas foram as seguintes: *Beethoven*. Adagio (Sonata op. 27, n.º 2). *Bendel*. Domingo em Glión, op. 139, n.º 1. *Brahms*. Balada, op. 10, n.º 1. — Scherzo, op. 4. — Danses hongroises, n.ºs 4, 5 e 6 (Weiss). — Scherzo (Sonata, op. 2).

Chopin. Preludio, op. 28, n.º 20. — Valsas, op. 42 e 64 (n.ºs 1 e 2). — Quatro Nocturnos. — Impromptu em lá bemol. — Scherzos, op. 20 e 31. — Polonaises, op. 40 (n.ºs 1 e 2). — Scherzo e Marcha Funebre (Sonata sí bemol m.) — Balada, op. 47. — Estudos, op. 25 (n.ºs 1, 5, 7, e 12).

Dvorák. Tittle-Tattle, op. 85, cad. 3.

Dubois. Scherzo et Choral, op. 18.

Glinka. Tarantella.

Godard. Au Matin, op. 83. — Mazurkas (2.ª e 4.ª). — Rocó.

Grieg. Folha d'Album, op. 28, n.º 3. — Jour de la noce. — Berceuse. — Menuetto (Sonata, op. 7).

Haendel. Air Varié. en mi majeur.

Haydn. Finale (Sonata 8).

Heller. Polonaise, op. 104.

Jadassohn. Scherzo-Canon (Serenade, op. 35).

Ketten. Sérénade.

Korsakow. Novellette.

Liszt. Tarantella (Napoli). — Rhapsodia n.º 12. — Faust (Valsa) — Transcrições (Schumann).

Mendelssohn. Scherzo a capriccio (Fis moll).

Moszkowsky. Serenata. — Fantaisie á Schumann, op. 5.

- Paderewsky*, Polonaise em si maior.
Pessard Gavotte fantaisiste.
Ribinstein. Kamemnoi-Ostrow (n.º 5). — Romance — Melodia.
Saint-Saens. Concerto em sol menor. — Rhapsodie d'Auvergne, op. 73.
Scarlatti. Capriccio.
Schubert. Impromptu, op. 90, n.º 2. — Momento musical, op. 94, n.º 3.
Schulhoff. Folha d'Album.
Schumann. Concert-stuch, Introduction et Allegro Appassionato. op. 92. — Faschingschwank aus Wien. — Romance en Fá. — Au Soir. Elévation, Pourquoi, Révasserie, op. 12 — Papillons. — Novellete op. 21, n.º 8.
Schütt. Valse Mignonne et Etude, op. 16.
Silva. Fariboles — Spielerei — Valsa — Romance — Dança — Estudo — Scherzo à la Valse — Imagens — Rhapsodia portugueza — Mazurkas — Bólas de Sabão — Preludios.
Smetana. Böhmische Tänze (2.ª Polky).
Smith. Adieu!
Stavenhagen. Capriccio, Minuetto Scherzando, op. 5.
Strauss. Concert-Paraphrasen über Fledermaus (Schütt, op. 10).
Thomè. Valsa (La Sirene).
Widor. 1.º Valsa.



A nossa ultima chronica tinha a data de 25 de fevereiro. Alguns factos importantes se deram desde então em S. Carlos, que merecem especial referencia.

Em 27 realizou-se a recita avulsa, que annualmente a empresa prepara para terça feira de carnaval. Estava annunciado que seria cantada a opereta *O mestre de capella*, em que tomaria parte uma nova artista, a sr.ª Longone, que os jornaes diarios affirmaram ter adoecido gravemente á ultima hora. Foi o espectáculo organizado com os dois primeiros actos do *Amico Fritz* e uma pantomima baptizada com o titulo *Uma modista de Paris*.

Não assistimos a esta recita, porque de ha muito nos convencemos de que em taes noites é impossivel ouvir cantar em S. Carlos seja o que fôr, tão desenfreadas correm ali as folias carnavalescas, acompanhadas dos impertinentes e incómodos estalinhos, sem que a autoridade policial tenha força para os prohibir e fazer sair do teatro quem entende que é licito brincar com a perigosa

massa fulminante, que póde produzir graves ferimentos.

No dia 1 de março serviu pela quinta vez a *Aida* na actual época lirica para aprese ntação de cantór novo. Coube agora a vez á sr.ª Virginia Guerrini, que reapareceu na parte de Amneris.

Já com elogio nos temos referido á sr.ª Guerrini em algumas das chronicas dos annos anteriores e é para sentir que só no fim da época lirica nos apareça a cantar a *Aida*, *Adriana Lecouvreur* e *Gioconda*.

Da nova edição do *Tannhäuser* com o baritono Kaschmann preferimos não falar, porque seria repetir o que dissemos a respeito do desempenho dos *Mestres cantóres*. Mas, ultimamente, a 9 do corrente, houve novissima edição com o baritono Bonini, que cantou bém a melodia do torneio dos bardos e a romança da *stella*, merecendo esta honras de repetição.

Já dissemos que este artista dispunha de magnificos elementos para fazer uma brilhante carreira. Alguns exercicios de respiração com o fim de obter maior amplitude da caixa thoracica é o que muito lhe convem fazer. Conseguiria a armazenagem do ar preciso para poder cantar longas phrases musicas, que não seriam cortadas pela necessidade de respirar.

Na *Gioconda* tiveram os frequentadores do nosso teatro lirico occasião de avaliar bem o merito da sr.ª Salomea Krusceniska como cantóra e comediante.

E' principalmente no decurso do ultimo acto da *Gioconda* que a notavel cantóra patenteia todas as suas faculdades artisticas. E' então que o seu nervoso organismo vibra com a precisa intensidade para suggestionar o auditorio. Dicção clara e correctá, phrases magistralmente cantadas, rigór de afinação, modulação facil de todas as notas, interpretação primorosa das ideias melodicas e do póema, sublinhando intenções com a expressáo do rôsto e do olhar, tudo isto mostra que a sr.ª Krusceniska é uma artista de superior envergadura, digna de ser bem apreciada e muito aplaudida. Raras vezes temos podido fazer estas apreciações com tal desassombro.

Para o bom desempenho da *Gioconda* contribuíram tambem muito a sr.ª Guerrini e os srs. Vignas e Kaschmann, que se tornaram dignos dos applausos com que a plateia os distinguiu.

Do *Jongleur de Notre Dame* não falamos hoje, porque ainda não tivemos occasião de ouvir cantar o celebre milagre em 3 actos, obra prima de Massenet.

12 de março.

ESTEVES LISBOA.



CARTAS A UMA SENHORA

LXXXIII

De Lisboa

EM resposta á pessoa, sua amiga, que dispensando-me a honra de ler as minhas insulsas cartas, as acha contradictorias e incoherentes, por descairem ora n'um optimismo ingenuo ora n'um pessimismo feroz, e tambem em resposta a V. Ex.^a, que embora tal accusação me não dirija, porventura estará em parte de accordo com esse juizo, apresso-me a recordar que a pessoa sua amiga tem razão — pelo menos apparentemente.

Sim, eu sou incoherente por ser contradictorio, pois não possuindo, ai de mim, uma forte cultura philosophica e documentando-me sobre os assumptos e acontecimentos correntes com as leituras de occasião, não raro me deixarei levar por passageiros estados d'alma, os quaes, embora sinceros, podem não ser verdadeiros.

Lembrando-me, porém, que tres quartas partes da humanidade assim procedem, e que a outra quarta parte, se acaso se conduz de modo diverso, nem por isso acerta mais, concludo, então já com uma certa dóse de philosophia, que afinal as minhas contradicções de hontem sommadas com as minhas contradicções de hoje vem talvez a dar uma resultante exacta e em todo o caso justa do que é o mundo e do que são as coisas e as pessoas que no mundo se agitam.

Tudo isso superiormente se integra por fim n'uma conclusão em absoluto verdadeira, verdadeira pelo menos quanto aos seus aspectos e — V. Ex.^a o sabe — até agora nós humanos não podemos, em materia de verdades, contentar-nos senão com aspectos d'ellas...

Assim, eu, de sobra o sinto, não raro me surprehendo emmaranhado n'uma rede d'essas taes contradicções que aponta, e em mais de uma questão tenho observado dispor d'um parecer — e do contrario; como, todavia, no momento psychologico das questões esses dois pareceres os sustente com igual ardor de convicto adepto, succede que a miude logro enxergar um pedaço da sempre almejada Verdade, que cheia de facetas varias, nem todas podem ser apprehendidas simultaneamente no espaço e no tempo.

Aqui tem a minha amiga por que naturalmente ainda maior numero de vezes do que aquellas que eu imagino, lhe apparecerei em manifesta opposição commigo mesmo, além d'aquellas em que o estarei — com os outros.

Se as circumstancias se proporcionassem, reforçaria com exemplos esta minha exdruxula these, mas por certo V. Ex.^a se enfadaria e Deus me livre de fazel-a bocejar — mais do que a sua paciencia já admite...

Entretanto, pois que estamos na quaresma, e esta passa por ser quadra de penitencia, permitto-me impor-lhe um bocadinho d'ella n'esta mesma carta de hoje onde V. Ex.^a, terá mais uma prova ou mais um elemento, das minhas negregadas contradicções.

E vou explicar-me

Tenho-lhe eu n'estes ultimos tempos feito sentir o meu tal ou qual desanimo com respeito á maneira como entre nós a civilização caminha; pois bem: bastaram-me agora tres consoladores acontecimentos para de novo a esperanza me voltar, radiosa e forte, a descrever um impressivo e luminoso friso na pedra dura sobre a qual tantas das minhas illusões se estorce n...

O nosso Mendonça e Costa — assim lhe chamam pelas redacções — teve uma idéa que sendo á primeira vista de simples reclamo ás bellezas pittorescas do paiz, traz lá dentro problemas de todas as ordens, e pôde seguramente converter se de assumpto esthetico em base de possiveis e futuras remodelações ethicas, e como elle tem a rija tenacidade que não cansa, e a santa carolice que não esmorece, sem duvida conseguirá desbravar algum terreno n'esse deveras colossal maninho que em varios tractos ainda é Portugal — não só o Portugal geographico, mas o Portugal economico, traduzindo pelo termo economico a politica, a litteratura, a industria, a sciencia, a arte, a vida temporal e espirital, em summa, dos cinco milhões de habitantes que falam a nossa lingua.

Aqui fica o primeiro acontecimento, que eu cá do meu obscuro cantinho registei jubiloso e estou seguindo entusiasmado...

Os outros dois, valendo ainda mais como symptomas, valem tambem muitissimo como realidades.

Um d'elles foi a significativa e por todos os motivos fundadamente justa homenagem prestada outro dia a Theophilo Braga, o mestre de nós todos, velhos e novos, pela vida e pelo ensino, pelo pensamento e pela acção, e para quem a sciencia, essa especie de Consciencia objectivada, tem sido, n'uma existencia de cincoenta annos, a mais fecundante e consoladora das disciplinas.

O outro foi a publica e unanime consagração que se projecta a Camillo, cuja obra, uma floresta, successivamente irá encontrando mais e mais espiritos para a estudarem e descreverem...

*

Não, por mais que o desanimo a espaços me invada, um povo que nobremente se congrega para saudar os vivos como Theophilo e para honrar os mortos como Camillo, e que cumulativamente se resolve a pensar na mais util maneira de se valorisar e de se engrandecer, por força que ainda alguma grande palavra tem a proferir—e ha de proferil-a...

AFFONSO VARGAS.



Em 1 do mez corrente fez o sr. Carlos de Mesquita a sua apresentação no salão do Conservatorio. O distincto pianista brasileiro já era nosso conhecido e já tinha tido occasião de apreciar quanto o nosso publico é benevolente e accomodaticio, se lhe servem *menus* que de tal ou qual modo posam ser-lhe antipathicos.

Não dizemos isto pelo artista, que tem na verdade excellentes qualidades de tocador, boa dicção e muita elegancia no phrasear; mas o seu repertorio, todo obrigado a pecinhas de salão (da sua propria lavra), não consegue nem conseguirá nunca interessar um publico de concerto, que, por muito atrazado que o julguem, já vae começando a tær suas exigencias...

Pena é comtudo que essas exigencias se não exteriorisem com mais sinceridade. Entre o assobio com que lá fóra se manifesta o desagrado publico e o applauso indistincto com que aqui se acolhe tudo, optimo e pessimo, haveria um honesto meio termo que seria realmente muito para appetecer, com manifesta vantagem para todos—para os valiosos por se verem sinceramente premiados—para os inuteis para não conservarem illusões prejudiciaes—para os estrangeiros para não tomarem isto como uma dependencia de Marrocos—e finalmente para o proprio publico, para não fazer papel de... tólo.

O tempo dos *recitals* de piano, para apresentação exclusiva de composições proprias, já lá vae ha muito e a exhibição d'essa du-

pla habilidade de concertista-compositor pode valer quando muito em *soirées* particulares para gaudio e regalo das manas Soudas mas nunca para satisfação esthetica d'um publico que paga.

Oxalá que tal genero de sessões se não repita por cá muito; a arte não tem nada a ganhar com ellas, o publico aborrece-se e o proprio artista pouco lucra.

Da má impressão que um tal concerto nos deixou resalta comtudo uma nota gentil. A participação da sr.^a D. Africa Calimero, cantando algumas arias de Puccini e de Carlos Gomes, com a superior correcção que lhe é habitual e com o prestigio da sua lindissima voz, proporcionou á fadiga da audição das 19 peças de piano de Carlos de Mesquita, um refrigerio que não podemos deixar de agradecer á intelligente cantora com toda a effusão.

E não julguem que entre as taes 19 peças, não havia algumas verdadeiramente graciosas e elegantes.

Mas 19 peças!...



O primeiro concerto que a *Schola Cantorum* nos proporcionou n'esta epoca, teve lugar em 4, no salão do Conservatorio, sob a direcção auctorizada de Alberto Sarti.

Difficil se nos torna analysar, peça a peça, o conjuncto de obras, qual d'ellas a mais interessante e algumas inteiramente novas, que n'este concerto nos foi dado ouvir.

Numeros houve porem que tiveram um exito sobremodo lisongeiro e uma primorosa execução: seria injustiça não citar entre elles o *Espoir en Dieu* de Beethoven, pela sr.^a D. Maria Amelia Guerreiro de Sousa, a *Ave-Maria* de Schubert, pela sr.^a D. Bertha Daupias, os *Poèmes evangeliques* de Chaminade, por um pequeno côro que teve as honras de *bis* em um dos numeros, e o *Pan-nis angelicus* de Cesar Franck, pelo sr. Léon Jamet, que tambem o repetiu a instantes pedidos do publico.

Esses foram na parte, vocal, os numeros luminosos do programma, o que não quer dizer que não fosse todo elle acolhido com o maior agrado.

Na parte instrumental tanto a talentosa harpista Mad.^{elle} King, como o illustre violinista, sr. Cecil Mackee, foram alvo das mais expontaneas e merecidas ovações.

Um *bravo* ao maestro Sarti pelo seu bello concerto e pela orientação seria e artistica que tem imprimido ás audições da *Schola Cantorum*.



Na tarde de domingo, 11, nada menos de dois concertos: o do salão da Trindade,

com cantores do theatro de S. Carlos e em beneficio da Sociedade Italiana de Beneficencia e o do salão do Conservatorio promovido pela *Sociedade de Musica de Camara*.

Nada podemos dizer do primeiro, porque não assistimos a elle.

No segundo teve de fazer-se uma pequena alteração de programma, pela falta do distincto amator, sr. Antonio Lamas, que por motivo de força maior não poudo comparecer.

Foram as seguintes as obras executadas:

QUARTETO, op. 12 — *Mendelssohn*, pelos srs. Francisco Benetó, Cecil Mackee, Julian Sanz e D. Luiz da Cunha e M. nezes.

SONATA — *C. Franck*, pelos srs. José Bonnet e Francisco Benetó.

QUINTETO, op. 5 — *C. Sinding*, (1.^a audição), pelos srs. José Bonnet, Francisco Benetó, Henriqué Sauvinet, Julian Sanz e João Carlos d'Oliveira Passos.



No salão Sasseti realisa o notavel professor Timotheo da Silveira uma nova *matinée* de alumnos a 18 d'este mez.

Consta o programma das *Sonatas* de Beethoven, op. 26 e 22, tocadas respectivamente pela sr.^a D. Adelaide Maria Pereira e sr. Carlos Relvas, das *Seis pequenas Variações* do mesmo auctor, pela sr.^a D. Bertha Santos, *Andante cantabile* de Mozart pela sr.^a D. Mercedes Paes Formosinho e *Rondó do Concerto em mi* de Hummel, pela sr.^a D. Felicidade Rocha Leão.



Está entre nós a distincta pianista brasileira, sr.^a D. Fanny Guimarães, a cujo exito em Paris já nos referimos no numero anterior.

Honrou esta redacção com uma visita e participou-nos a sua intenção de dar em 24 do corrente, entre nós, um concerto de apresentação, que terá logar no salão do Conservatorio.

Parece que n'esse concerto executará o seguinte programma:

I

J. S. Bach.
Fantasia chromatica e Fuga.

II

E. Sauer.
Estudo de Concerto n.º 3, Murmure du vent.

Estudo de Concerto n.º 5, Frisson des feuilles.

Gluck-Saint Saens.
Alceste, capricho sobre as Arias do bailado.

III

Schumann. *Carnaval, Op. 9.*

IV

Chopin. *Berceuse e Bolero.*

V

Schubert-Liszt. *Lindenbaum.*
Verdi-Liszt. *Rigoletto, paraphrase.*

Como já dissemos, Mademoiselle Fanny Guimarães, é uma das laureadas discipulas de Emil Sauer. Estamos convencidos que o seu concerto terá numerosa concorrência.



No proximo dia 25, effectua-se em *matinée* o 38.^o concerto da *Sociedade de Musica de Camara*, tomando parte, como já dissemos, a notabilissima pianista amadora, sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso.



Para o dia 1 de abril prepara o professor Bonetó a sua festa annual, contando com optimos elementos entre os quaes um dos melhores artistas de S. Carlos.

O illustre artista tocará um andamento do *Concerto* de Saint-Saëns, *Sérénade* de Drla, *Adagio e Allegro* de Corelli, *Fado* de Hierro, e outras obras.



Uma interessante novidade,

O celebre violoncellista Marix Loevensohn, que tão grande exito teve em 1901 em Lisboa, vem aqui dar dois concertos, que terão logar em 4 e 5 de abril no salão do Conservatorio.



O concerto annual, promovido por Alexandre Rey Colaço, está marcado para o proximo dia 8 de abril, no salão do Conservatorio.

Ignoramos por ora o programma.



PORTUGAL

Como já tem annuciado os jornaes diarios, a empreza do nosso theatro lyrico abriu uma nova assignatura extraordinaria, em que tomam parte as seguintes celebridades: — Umberjo Giordano, que dirigirá a sua

opera *Fedora*, Ruggero Leoncavallo, que dirigirá a sua opera *I Pagliacci* e concertos com trechos de sua composição, Luigi Mancinelli, que dirigirá as suas oratorias *Santa Ignez* e *Isaias*, Lorenzo Perosi, que dirigirá as suas oratorias *Moysés* e *Ressurreição de Christo*, Camillo Saint-Saëns, que dirigirá concertos de orchestra e executará as suas obras de piano e órgão e o celebre violinista Franz von Weczey.

De todos estes artistas publicaremos o retrato e algumas linhas biographicas no proximo numero.

Entrarão tambem no desempenho das operas que constituem a nova assignatura as *prime donne* Kruscenizki, Siebanech, Longone, Guerrini, Lucaceska e Parissolo, os tenores Fassino, Krismer e Vignas, os barytonos Kaschmann, Bonini e d'Albore e os baixos Brondi e Galli.



O nosso illustre compatriota Francisco de Lacerda foi agraciado com a cruz da Legião de Honra.

Felicitamol-o por tão justa mercê.



Esteve entre nós o talentoso pianista portuense, sr. Raymundo de Macedo, distinguindo esta Redacção com uma visita que muito agradecemos.

O illustre musico interrompeu os seus trabalhos artisticos na Allemanha, para vir ao seu paiz afim de consorciar-se com a sr.^a D. Josephina Junqueira da Matta, gentilissima sobrinha do conceituado commerciante da nossa praça, sr. Luiz Filipe da Matta.

Os noivos partiram em principios d'este mez para Leipzig e outras cidades allemans, onde Raymundo de Macedo tem contractados varios concertos.



De uma carta particular de Berlim para a *Arte Musical*, com data de 24 de fevereiro e que não poude ser publicada no numero anterior:—*Realisou-se hontem na sala Beethoven o concerto de Vianna da Motta com magnifico successo.*

Vianna da Motta é sempre o artista magistral e hontem mais uma vez o provou em todas as peças que constam do programma que junto lhe envio. Foi chamado um sem numero de vezes e muito applaudido.

Assistiram ao concerto Francisco d'Andrade, os pianistas Godowski, Galston e outros, por quem Vianna da Motta foi muito felicitado e complimentado.

O programma a que a carta se refere foi publicado no penultimo numero.

Pedem-nos os srs. Carlos d'Oliveira e Silva e Julio Pereira, empregados da casa Lambertini, para publicarmos que o producto liquido da festa por elles organizada no salão da Trindade, em 11 de fevereiro, a favor da familia de um seu collega ha pouco fallecido, attingiu a cifra de réis 500⁰⁰⁰670, que já foram entregues, mediante recibo, á familia do desditoso moço.

Pedem-nos tambem que tornemos publico o seu reconhecimento a todos os que bizarramente cooperaram para o bom exito d'esta festa.



Em um dos proximos concertos da *Schola Cantorum*, executar-se-ha uma oratoria do maestro Sarti, *Um milagre de Jesus*, com letra do nosso illustre collaborador Alfredo Pinto (Sacavem).

O papel da protagonista será confiado á sr.^a D. Africa Calimerio.



Uma novidade em primeira mão.

Está definitivamente assente a vinda do celebre pianista Paderewski a Lisboa e Porto.

Os concertos de Lisboa terão lugar em 17, 19 e 22 de abril proximo, e os do Porto em 24 e 26 do mesmo mez.



A nossa notabilissima violoncellista Guillermina Suggia teve mais um triumpho em Berlim, onde ha pouco se apresentou com o pianista Godowsky.

Sollicitada para se fazer ouvir novamente na grande capital alleman, devia ter dado um segundo concerto em 5, esperando-se a presença do Imperador.

Contamos ter á ultima hora noticias d'esta festa, na certeza porém de que serão tão satisfatorias, como as que sempre temos recebido da illustre artista, que é já hoje uma das nossas mais radiantes glorias.

ESTRANGEIRO

Nos concertos de Gürzenich (Colonia) deu-se ultimamente a primeira audição de em mysterio intitulado *A Dansa dos Mortos*, cujo auctor é Felix Woyrsch.



Marix Loevensohn, o illustre violoncellista que ha cinco annos tivemos a fortuna de admirar e applaudir em Lisboa, deu um concerto na sala Pleyel em 16 do passado mez.

O exito foi em tudo digno de tão excelente artista, que é hoje considerado uma das melhores illustrações do violoncello.



Em materia musical tem-se feito methodos para tudo; mas o que é inteira novidade é um *Methodo para Sinos*, que acabamos de receber, n'uma deliciosa edição da casa milaneza Bertarelli.

E' um livrinho de 80 paginas, em formato oblongo e escripto em tres linguas (italiano, latim e francez) por Angelo Balladori.

Contem uma desenvolvida parte historica, a theoria dos sinos e carrilhões e grande numero de *melodias* e *sonatas* para grupos de 3 a 12 sinos.

Foi inspirada a publicação d'es'a obrinha curiosa nas determinações do 7.º Congresso de Musica Sacra, effectuado em Turim em junho de 1905, e onde se propoz:— *Que para evitar o abuso de tocar com os sinos motivos populares e ás vezes obscenos, se confiasse aos mestres de musica a composição de melodias adequadas.*

Velemos mais uma vez a face para pensar um momento no que *por cá* se passa, n'esse particular.

Os sineiros não hesitam em adaptar ao poetico instrumento sagrado, melodias indecentes, fragmentos de operetas e revistas, fadinhos bréjeiros até.

Os parochos ouvem e... gostam geralmente.

E para não citar senão um exemplo, tivemol-o ainda ha uma semana, ouvindo os famosos carrilhões de Mafra, peças d'arte sumptuosa que custaram nada menos de dois milhões de cruzados, e constatando que não sómente o seu estado de afinação põe crispações nos ouvidos menos sensiveis, mas ainda que o repertorio foi seleccionado na peor escorralha do café-concerto e do theatro de opereta.

São coizas de que ninguem cuida entre nós, mas que não deixarão de fazer uma pessima impressão em todos os que visitem o nosso paiz. Não é verdade?



Em 2 d'este mez effectuou-se em Nantes, o 2.º concerto da *Association des Concerts Historiques*, promovido e dirigido pelo nosso infatigavel e talentoso compatriota Francisco de Lacerda.

O programma, da maior elevação e selecta escolha, comportava uma grande variedade de peças dos *primitivos* italianos, francezes e allemães e tambem obras modernas de Schumann, Brahms, Chausson e Franck.

Os jornaes de Nantes, que pudemos lêr, são unanimes em elogiar, no artista portuguez, a intelligencia e auctoridade com que

foram ensaiadas e interpretadas as obras, tanto coraes e orchestraes, que compunham esse bello programma.

Do *Nantes Mondain* extrahimos as seguintes inhas, a que não queremos tirar, com uma traducção, o sabôr original:

«... Nous avons retrouvé en M. de Lacerda le Maitre eminent, l'artiste au goût si pur, au dévouement inépuisable, qui sait, d'un mô, indiquer le caractère et le sens de chaque morceau, le sentiment dans lequel il doit être interprété; d'un geste, entrainer ses exécutants et faire passer en eux sa noble et infatigable ardeur pour la cause de l'Art.»

E mais adiante diz:

«... Devant un tel résultat, nous ne pouvons que formuler un vœu: c'est de voir M. de Lacerda revenir le plus souvent possible dans notre ville, pour entretenir et développer le mouvement artistique qu'il a su y créer; il est sûr d'y rencontrer de nombreux et sérieux appuis toutes les fois qu'il viendra combattre parmi nous pour cette noble cause.»

Deve ser para todos nós extremamente agradavel ver quanto é, lá fora, considerado este sympathico e laborioso artista, que tão briosamente tem sabido corresponder á confiança que o nosso governo n'elle depositou, quando ha annos o patrocinou para que completasse em Paris a sua educação artistica.

Hoje, Francisco de Lacerda é apreciadissimo em França e honra ali, como poucos, o nome patrio.

A sua reputação de director d'orchestra está já solidamente estabelecida e na *Schola Cantorum* é-lhe confiada quasi sempre a direcção das massas coraes e instrumentaes, nos interessantes concertos organisados por esse instituto superior de ensino e propaganda musical, onde o proprio Lacerda fez uma tão brilhante aprendizagem.

D'aqui o felicitamos pois pelos seus triumphos e por ver definitivamente affirmada uma reputação que é, para nós outros portuguezes, tão preciosa e que foi tão laboriosa e honestamente conquistada.



As novidades da proxima epoca do Covent-Garden serão *Le Jongleur de Notre Dame* de Massenet, o *Barbier de Bagdad* de Peter Cornelius, *Eugène Onéguine* de Tschai'kowsky, *Il vagabondo e la principessa* de Poldino e finalmente a *Armida* de Gluck, cuja menção parece extraordinaria ao lado da palavra *novidade*.

André Messenger e Campanini serão os maestros da temporada.

O 3.º congresso de pedagogia musical, sob a presidencia de Xavier Scharwenka, deve ter lugar em Berlim de 9 a 11 do proximo abril.

Alem do estudo das reformas a tentar no que diz respeito ao canto nas escolas, haverá uma conferencia sobre «a musica e a sua importancia sob o ponto de vista da cultura intellectual.»



O tenor Caruso, que está actualmente em New-York, e cujo talento para o desenho nos era desconhecido, vae publicar na cidade norte-americana um album de caricaturas, de que fará, ao que se diz, uma tiragem muito limitada.



O festival de Bayreuth tem tido este anno um grande successo de locação. Já não ha logares disponiveis senão para as recitas do *Parsifal* de 4, 7 e 8 de agosto e para a do *Tristão* em 5 do mesmo mez.



Em 26 do mez passado succumbia em Madrid, aos estragos de uma pulmonia, o illustre maestro Manoel Fernandez Caballero.

A sua fertilidade e inspiração, como compositor, fizeram-o destacar entre os musicos hespanhoes d'estes ultimos tempos.

Nasceu em Murcia em 14 de março de 1835.

Recebeu as primeiras lições de seu cunhado, D. Julian Gil e do maestro D. José Calderon; estudou piano, violino e flauta desde a mais tenra idade e aos 7 annos já tocava na orchestra do theatro de Murcia e na banda municipal. Cantava tambem com rara perfeição.

Tinha 10 annos quando sua mãe o levou pela primeira vez a Madrid, onde tomou lições com outro cunhado seu, D. Salvador Palazon. Dois annos depois, já de regresso a Murcia, apresentava as primeiras composições.

Aos 15 annos matriculava-se no conservatorio de Madrid, obtendo o primeiro premio de composição nos concursos publicos de 1856.

Quando tinha 18 annos, já era director de orchestra no theatro das Variedades.

A sua estreia, como compositor de zarzuela, foi em 1854, no theatro Lope de Vega com *Tres madres para una hija*. A partir d'ahi e até 1864 compoz mais de 30 zarzuelas em 1, 2 e 3 actos e um *officio de defuntos* em memoria de uma sua irman.

Adquiriu grande renome em Cuba, onde dirigiu uma companhia theatral e organisou optimos concertos.

De volta a Madrid, compoz a musica de *El primer dia feliz*, cuja primeira representação teve lugar em 1872, no theatro da Zarzuela, com um exito estrondoso.

Em 1884 esteve em Lisboa, apreciadissimo e ovacionado na direcção das suas zarzuelas, que sempre tiveram entre nós um acolhimento muito carinhoso.

No anno seguinte partia para Buenos Ayres e Montevideo, onde conquistou novas glorias e voltou novamente a Hespanha, d'onde nunca mais sahiu.

O maestro Caballero deixa um vastissimo repertorio de peças theatraes, quasi todas no genero *chico*, em que era insigne.

Lembra-nos, como peças de grande exito e algumas muito conhecidas no nosso paiz: — *La Marsellesa* (que foi traduzida em italiano e representada em Trieste), *Las nueve de la noche*, *Los sobrinos del Capitan Grant*, *El salto del Pasiego*, *El duo de la Africana*, *Gigantes e cabezudos*, *Chateau Margaux*, *El padrino del Nene*, *El cabo primero*, *Campanero y sacristan*, etc.

Compoz alem d'isso grande numero de missas, misereres, salves, officios de defuntos, psalmos, motetes, bem como canções de diversos generos.



Em 7 do corrente falleceu o distincto amador de musica, sr. visconde da Costa Veiga, que cultivou muito esta arte, como pianista e como cantor.

O finado contava muitas sympathias na nossa primeira sociedade.



Tendo apenas 45 annos falleceu o compositor russo Antonio Arensky, uma das mais risonhas esperanças da moderna escola musical russa.

Em Lisboa só conhecemos d'este illustre compositor, o *Basso ostinato* que está no repertorio dos nossos principaes pianistas e o *Trio* para piano, violino e violoncello que a *Sociedade de Musica de Camara* por duas vezes fez executar nos seus concertos.

A. HARTRODT

SEDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 4^o

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS — STUTTGART



A casa CARL HARDT, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de CARL HARDT, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa CARL HARDT, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na CASA LAMBERTINI, representante de CARL HARDT, em Portugal.

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afniação Segura — Construção solida

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

AUGUSTO D'AQUINO

Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » O. W. Molkau

» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde: — RUA DO ALECRIM, 17

(Junto ao Caes do Sodré)

CURSOS NOCTURNOS

A matricula geral está aberta todo o anno lectivo

Cursos, completo do **Conservatorio Real de Lisboa**
para exame e da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães,
Marcos Garin, Carlos Gonçalves, Francisco Benetó, Augusto de Moraes Palmeiro, Wenceslau Pinto e Pedro José Ferreir

CONCERTOS E AUDIÇÕES DE ALUMNOS

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48.</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º.</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carlota Tatti Machado , professora de canto, <i>R. S. Bernardo, 16, 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>Rua dos Poyaes S. Bento, 71, 2.º</i>
Desiré Pâque , professor de piano, harm. e composição, <i>Rua da Estrella, 59, 1.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino. <i>R. Rod.ª Sampaio, 88, 2.º, E</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto, <i>R. Maria, 8, 2.º D. (Bairro Andrade)</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>R. Julio Cesar Machado, 5, r/c.</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Avenida de D. Amelia M. L. r/c.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º D.</i>
Rachel Pâque , prof. de canto e dicção, <i>Rua da Estrella, 59, 1.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º E.</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA